

**A COLEÇÃO DE PERSONAGENS PORTUGUESAS EM
“A EMPAREDADA DA RUA NOVA”, DE CARNEIRO VILELA**

Sayonara Amaral de Oliveira (UNEB)

soliveira@uneb.br

RESUMO

Este artigo discorre sobre as personagens portuguesas que figuram no romance “A emparedada da Rua Nova”, do escritor e jornalista pernambucano Joaquim Maria Carneiro Vilela, publicado originalmente em 1886. Em meio a uma trama que envolve sedução, adultério e crime, no melhor estilo folhetinesco e policialesco, Vilela faz emergir um leque de personagens de nacionalidade lusa, a maioria delas ligadas ao comércio, de modo a representar a realidade socioeconômica do Brasil na segunda metade do século XIX, época na qual se passa a narrativa. Por se tratar de um romance com forte inclinação naturalista, tais personagens, que somam ao todo seis, são majoritariamente representadas pelas falhas humanas do egoísmo, ambição e falta de caráter, o que lhes assegura um tratamento ferino e mordaz da parte do romancista. Já para aqueles portugueses identificados pela índole nobre e comportamento ilibado, o seu autor lhes reserva um olhar mais compassivo e generoso, que se revela por meio de adjetivações positivas. O romance também contempla a hostilidade dos brasileiros para com o povo português, a qual cresceu nos anos seguintes ao processo de Independência do Brasil, sendo motivada, entre outros fatores, pela disputa no mercado de trabalho.

Palavras-chave:

Carneiro Vilela. Personagens portuguesas. Sentimento antilusitano.

ABSTRACT

This article discusses the Portuguese characters that appear in the novel “A emparedada da Rua Nova”, by writer and journalist Joaquim Maria Carneiro Vilela, originally published in 1886. In the middle of a plot that involves seduction, adultery, and crime, in the best serial story and crime fiction style, Vilela brings out a range of Portuguese characters, most of them linked to commerce, in order to represent the socioeconomic reality of Brazil in the second half of the 19th century, the period in which the narrative takes place. Because it is a novel with a strong naturalist inclination, these characters, which add up to six, are mostly represented by the human failures of selfishness, ambition, and lack of character, that assures them a fierce and biting treatment by the novelist. For those Portuguese identified by their noble nature and unblemished behavior, its author reserves a more compassionate and generous look, which is revealed through positive adjectives. The novel also contemplates the hostility of Brazilians towards the Portuguese people, which grew in the years following the Brazilian independence process, being motivated, among other factors, by the dispute in the labor market.

Keywords:

Portuguese characters. Carneiro Vilela. Anti-lusitanian feeling.

1. Introdução

É bastante provável que o romance “A emparedada da Rua Nova”, do escritor pernambucano Carneiro Vilela, publicado originalmente em 1886, somente tenha se tornado mais conhecido do grande público no recente século XXI, após servir de inspiração para a minissérie “Amores roubados”, exibida pela Rede Globo de televisão em 2014. Em uma matéria do *site Uol*, por ocasião da exibição da minissérie, o gerente de marketing da Companhia Editora de Pernambuco (CEP), Alexandre Monteiro, informa que o número de vendas do livro de Vilela crescera em 300% após a sua adaptação para as telas de TV¹, vindo a ratificar o papel da mídia televisiva como importante veículo de promoção cultural da literatura, no Brasil.

Se vivesse hoje entre nós, Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846–1913) decerto se agradaria da exitosa repercussão de sua obra em cadeia nacional, haja vista que ele próprio também cuidou de promovê-la junto à mídia mais potente de sua época – o jornal. Para tanto, o escritor adotou um caminho pouco usual, ao converter em folhetins semanais um romance que já havia sido editado e publicado em livro há mais de vinte anos. “A emparedada da Rua Nova”, fez a sua estreia editorial em 1886, pela Typographia Central de Recife, mas teve posteriormente os seus capítulos desmembrados em folhetins no *Jornal Pequeno*, também de Recife, entre agosto de 1909 e janeiro de 1912 (VAREJÃO FILHO, 2013). Tudo leva a crer, portanto, que Carneiro Vilela teria sido o primeiro a “adaptar” o seu romance para outro formato, de maior popularidade, com vistas a atingir públicos mais amplos. Nada seria mais apropriado a este “homem das letras”, que conjugou as atividades de jornalista, romancista, cronista, cenógrafo, caricaturista e pintor, revelando-se, assim, um intelectual multifacetado e extremamente atuante na vida cultural de sua época².

De acordo com a pesquisadora Helena Maria Ramos de Mendonça, não é de se estranhar a iniciativa do autor pela publicação em folhetim, “uma vez que a composição do romance de Vilela era extremamente

¹ Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/17/livro-que-inspira-amores-roubados-cresce-300-em-vendas.htm>.

² Segundo Anco Márcio Tenório Vieira (2013, p. 9), desde a sua primeira publicação em fins do século XIX, o livro “A emparedada da Rua Nova” contou ainda com quatro edições posteriores: em 1936 (Edições Mozart), 1984 (Fundação de Cultura Cidade do Recife), 2005 (Edição do Organizador) e, por último, em 2013 (Companhia Editora de Pernambuco).

favorável às páginas de ‘Variedades’: capítulos curtos (em média, seis páginas) e numerosos, recheados de ação e de mistério” (MENDONÇA, 2008, p. 49).

Não por acaso, em seu importante estudo sobre o folhetim nacional, a crítica Marlyse Meyer, ao mencionar “A emparedada da Rua Nova”, declara que Carneiro Vilela pratica aí uma escrita “folhetinesco policial” (MEYER, 1996, p. 309), razão pela qual o seu livro se mostra tão cativante. Enfocando uma história de sedução, adultério e vingança, o romance em questão também incorpora, com maestria, a estrutura do gênero policial, recheado de peripécias e de grande suspense, embora não reproduza maniqueísmos, seja do bem e do mal ou do vilão e do mocinho, como é frequente em produções sob a rubrica do gênero.

Na trama de cunho realista, cuja ação principal se passa na cidade de Recife e arredores, em 1864, dois crimes bárbaros são orquestrados pelo rico comerciante português Jaime Favais. Após tomar conhecimento do triângulo amoroso envolvendo sua esposa D. Josefina, sua filha Clotilde e o jovem sedutor Leandro Dantas, Favais manda assassinar este último e providencia para que sua única filha, grávida de Leandro, seja emparedada viva em um desvão do sobrado da família, na rua Nova. A trama se baseou em uma antiga lenda local, à qual o romancista cuidou de conferir *status* de história verídica, ao informar, no penúltimo capítulo do romance, que a fonte do seu relato vem de uma ex-escrava, Joana, que “no ano de 1884 foi, na Corte, criada do autor destas linhas” (VILELA, 2013, p. 502).

Por se tratar de um romance com forte inclinação naturalista, acompanhando uma tendência de fins do século XIX, a sociedade da época é apresentada, em predominância, a partir das relações conflituosas entre ricos e pobres. Ganha relevo o convívio cínico e vicioso estabelecido entre as personagens pertencentes a essas distintas classes, o que leva a situar no romance de Vilela uma espécie de “sociologia da hipocrisia” (PESSOA, 2009, p. 35), conforme expressão cunhada por Ângelo Emílio da Silva Pessoa. Os indivíduos trazidos à narrativa se movem, sobretudo, por interesses de ordem financeira ou com vistas a dissimular algum ato vil, cuja revelação viria a ferir o verniz da moral e dos bons costumes da vida burguesa.

2. Conhecendo os “portugueses de papel”³ do romance de Carneiro Vilela

Conforme nos lembra Regina Dalcastagnè, as narrativas realistas, em resumo, “pretendem proporcionar um reconhecimento imediato da representação do mundo social” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 113) que cerca suas personagens. Diante dessa constatação, podemos dizer que é também por conta de sua veia realista que “A emparedada da Rua Nova” apresenta um leque considerável de personagens com nacionalidade portuguesa, sendo a maioria delas ligadas ao mundo do comércio. A trama se passa na segunda metade do século XIX e representa, portanto, a realidade socioeconômica do Brasil àquela época, quando os portugueses emigrados ocupavam posição dominante nos estabelecimentos comerciais e em diversos setores da economia urbana brasileira.

Grande parte do comércio varejista, das padarias, armazéns, bodegas estavam nas mãos da comunidade lusitana, que empregavam, quase exclusivamente, parentes e conterrâneos como caixeiros. (CÂMARA, 2005, p. 159)

No decorrer da narrativa, encontramos desde os negociantes portugueses mais abastados, como Jaime Favais, que obteve o título de Comendador tão logo adquiriu fortuna, até os pequenos comerciantes, cunhados pejorativamente de “tendeiros” ou “vendilhões”. Pobres ou ricos, anônimas ou não, as personagens portuguesas que figuram no romance são descritas, em maioria, com a mesma pena ferina de que o escritor Carneiro Vilela se servira, ao longo de suas crônicas, artigos, contos e peças dramáticas, a fim de denunciar, segundo o professor e crítico Anco Márcio Tenório Vieira, os “maus costumes da vida brasileira e os vícios da natureza humana” (VIEIRA, 2013, p. 15). Não causa surpresa, portanto, que patrícios de nacionalidade lusa, apresentados em “A emparedada da Rua Nova”, componham uma galeria de tipos ambiciosos, egoístas e sem caráter, restando a poucos deles serem identificados por uma índole nobre e respeitável, o que lhes assegura um tratamento mais compassivo e generoso da parte de seu autor ou criador.

O português de maior destaque na narrativa é, sem dúvida, o protagonista Jaime Favais, que, sendo natural de Favais, em Trás-os-Montes,

³ Faço referência ao título do Dicionário on-line *Portugueses de Papel*, que traz como verbetes obras da ficção brasileira nas quais se fazem presentes personagens portuguesas. Nesse *Dicionário*, que passa por atualizações constantes, é de minha autoria o verbete A EMPAREDADA DA RUA NOVA, do qual deriva este artigo e que pode ser encontrado no seguinte endereço: <https://portuguesesdepapel.com/dicionario/219>.

sai de Portugal para o Brasil com o intuito de aqui residir e fazer fortuna. Sua ambição se concretiza quando, após alguns anos de trabalho na casa comercial do seu tio, o imponente Comendador Antônio Braga, ele toma por esposa a sua prima e única herdeira do tio, fato que lhe abre definitivamente as portas da vida aristocrática com que sempre almejou.

Jaime Favais, descrito como homem prático, de físico corpulento e figura bem-apeçoada, comandou os assassinatos de sua filha e do amante que a engravidou, o qual também seduzira a esposa do comerciante. Para a execução desses crimes, cuja autoria jamais foi descoberta, Jaime contratou dois indivíduos de baixa extração social e de reputação questionável, apelidados de Zorlho e Bigode de Arame. Passando a se relacionar com esses comparsas clandestinamente, o rico comerciante construiu, desse modo, um elo com o submundo das ruas.

Mas a conduta deplorável de Jaime Favais não se revela apenas com os crimes cometidos, pois é também digno de nota o meio escuso do qual ele se valeu, desde muito jovem, para obter lucro em seu ofício, ao criar um novo sistema de pesos e medidas. Tal sistema, que com o passar do tempo lhe garantiu o crescimento de uma fortuna sólida, consistia em diminuir o volume e quantidade dos artigos vendidos ao tempo em que aumentava o preço desses artigos. Conforme descrito ironicamente pelo narrador, “sem cursar academias, nem folhear tratados indigestos, o ladiño portuguêsinho havia adivinhado e resolvido o mais difícil dos problemas econômicos: lucrar muito, produzindo pouco” (VILELA, 2013, p. 52). E assim, enquanto ostentava maneiras fidalgas e a imagem de membro proeminente da sociedade, Jaime Favais conseguia omitir, com êxito, o seu caráter desonesto e a natureza cruel.

Ambicionando trilhar o mesmo caminho de sucesso financeiro do seu tio Jaime Favais, o jovem João Paulo Favais também migra de Portugal para residir em Recife, onde passou a ocupar o cargo de primeiro caixeiro na casa comercial do tio. A intenção do rapaz era se desenvolver no trabalho com o comércio, já que o seu pai, proprietário de uma oficina de marcenaria na cidade do Porto, em Portugal, não gozava de boa situação financeira. Contudo, tão ganancioso quanto o tio, João Paulo logo começou a ansiar por herdar deste toda a fortuna, razão que o leva a planejar desposar a sua bela prima Clotilde, filha única de Jaime. Ciente da cobiça do primo português pelo seu dote, Clotilde o desprezava com ardor, ferindo profundamente o orgulho e a vaidade do rapaz. Na passagem a seguir, podemos ter um vislumbre dos interesses pouco nobres que moviam João Paulo:

Calculara desde logo que, se conseguisse casar com a linda prima, meteria dois proveitos no saco: adquiriria uma esposa de cuja beleza podia orgulhar-se com razão, e empolgaria um dote e mais tarde uma herança que eram de encher o olho a qualquer aventureiro, desses que vêm de longes terras procurar fortuna no Brasil e que para adquiri-la ou conquistá-la não recuam diante de meio algum por mais torpe ou indigno que seja. (VILELA, 2013, p. 285)

Quando descobre que Jaime havia encomendado o assassinato de Leandro Dantas, o jovem brasileiro que engravidara Clotilde, João Paulo se apodera deste segredo e se coloca em posição de vantagem para pressionar a realização do casamento com a prima, à custa de ameaça. Contudo, a cobiçada pretendente continua negando-se com veemência a desposá-lo, razão pela qual o pai da moça toma a iniciativa de mandar matá-la também, haja vista que, na condição de grávida e solteira, ela haveria de desonrá-lo perante toda a sociedade recifense. Tornando-se cúmplice do tio no assassinato da prima e estando de posse de mais este segredo terrível do eminente comerciante, o jovem inescrupuloso João Favais ascendeu, do dia para a noite, à condição de sócio igualitário na casa comercial em que antes era apenas um caixeiro. Teve, por fim, concretizado o seu desejo de adquirir riqueza, não importando os meios desprezíveis dos quais se valesse para tanto.

No romance de Carneiro Vilela, outra personagem portuguesa de caráter questionável é o Sr. Antônio, que, oriundo de uma aldeia da região do Minho, era conhecido de todos em Recife por esse único nome. Proprietário de uma venda na capital pernambucana, Sr. Antônio era amante e provedor da mãe de Leandro Dantas, a baiana Carolina Dantas (ou Calu). Na narrativa, ele é descrito como um homem gordo, de estatura baixa, dotado de uma fisionomia antipática e cujo aspecto geral inspira repugnância. A essas características físicas, que soam pouco atraentes, somam-se outras impressões não menos negativas, depreendidas do seu olhar oblíquo e dos gestos pândegos, por meio dos quais era possível entrever, nas palavras do narrador,

[...] um misto de velhacaria, sordidez e inteligência; tudo isto encoberto ou mascarado por uns modos que tinham pretensão a francos e galhofeiros e por uns sorrisos que queriam assumir foros de agradáveis. (VILELA, 2013, p. 328)

Tal descrição desfavorável corrobora o comportamento torpe assumido pela personagem no desenrolar da trama. Ambicioso e ladino, foi Sr. Antônio quem instigou Carolina Dantas – a qual é também dotada de um caráter não menos ardiloso e interesseiro –, a chantagear uma das amantes do seu filho, Leandro. O plano consistia em extorquir muito di-

nhairo de Celeste Cavalcanti, mulher casada pertencente à alta sociedade, mediante a ameaça de revelar o seu segredo de alcova para o marido traído. Além disso, o comerciante português se aproveitou da influência que exercia sobre a mãe de Leandro para se apoderar, através de empréstimos e hipotecas, dos dois únicos imóveis que pertenciam a ela e aos seus filhos. Ao final do romance, após liquidar a pequena fortuna de sua amante, Sr. Antônio abandonou-a de vez e partiu rumo a outras possíveis aventuras igualmente lucrativas, disposto a “cavar novas ruínas” (VILELA, 2013, p. 512).

O pai de Landro Dantas é mais uma das personagens portuguesas trazidas à narrativa, mas cujo nome próprio não chega sequer a ser mencionado, possivelmente devido à sua pouca importância no desenvolvimento da trama. Inferimos que se chama Leandro, tal como o filho, dada a informação de que este último herdara o nome de batismo do seu progenitor. O pai de Leandro era um comerciante português casado, que, residindo na Bahia, tomou Carolina Dantas (Calu) como concubina e teve com ela este filho. Assim o descreve o narrador:

O nosso português, deveras apaixonado pela Calu, começou, para ser-lhe agradável e para satisfazer-lhe os caprichos e a voracidade insaciável, a exceder-se nas suas despesas, e em pouco tempo viu escancaradas diante de si as fauces hiantes de uma iminente e inevitável falência, senão fraudulenta, pelo menos culposa. (VILELA, 2013, p. 250)

A fim de atender às demandas da amante, o comerciante se entregou a uma vida desregrada e repleta de gastos, o que o levaria às portas da derradeira ruína não fosse a fraude que ele cuidadosamente planejou e realizou: incendiou a casa comercial de que era proprietário, com o intuito de receber a indenização do seguro. Ao lograr êxito nesse feito, o pai de Leandro livrou-se das dívidas que contraía e partiu então para se estabelecer em Recife, “com a consciência ilesa e com o diploma moral de benemérito da honradez e da honestidade comercial” (VILELA, 2013, p. 250).

No romance, desse conjunto de personagens portuguesas com perfil mais delineado, apenas duas figuras se distinguem por sua qualidade de caráter, demarcando um contraponto em relação à desonestidade e sordidez que dominam as índoles daqueles outros acima elencados. A primeira delas é a esposa do pai de Leandro Dantas, cujo nome próprio, assim como o do marido, também não é referido no romance. Trata-se de uma senhora muito distinta, detentora de um coração virtuoso e justo. Em

sua primeira aparição na narrativa, não são poucos os adjetivos empregados para dar conta dessas qualidades:

Era ela uma senhora distinta por todos os lados; pela família, oriunda de Lisboa; pela modéstia das suas maneiras graciosas; pela bondade de seu coração resignado; enfim pela inalterável tranquilidade do seu espírito reto e justiceiro, da sua consciência impecável, do seu ânimo angélico e sereno. (VILELA, 2013, p. 251)

A todos esses atributos, acrescenta-se o gesto generoso e abnegado, compreendido pela senhora, de assumir a criação de Leandro, o filho bastardo do seu marido, quando a criança contava ainda sete anos de idade. Em outra breve passagem do romance, a última na qual ela será mencionada, a honrada senhora, passados alguns anos, está de partida para Portugal, após a morte do marido. A referência ao país de origem, onde irá reencontrar os seus, indica um sentimento de nostalgia, embora fique claro que a longa temporada passada no Brasil não lhe foi desagradável. Ao contrário, neste país, ela experimentou grandes alegrias e afeições sinceras, conclui o narrador.

A outra personagem portuguesa que pode ser tomada como exemplar de um perfil reto e respeitável é o Comendador Antônio Braga. Tendo se estabelecido em Recife alguns anos antes da chegada do seu sobrinho Jaime Favais, o qual também viria a se tornar seu genro, Antônio Braga é o típico pai de família e comerciante honrado, cuja excelente posição social, avalizada pelo título de Comendador, foi conquistada à força de trabalho honesto e graças às boas relações sociais que cultivou.

Na narrativa, a descrição física da personagem é esmerada, de modo a corresponder ao seu perfil de homem afortunado e respeitado, um pilar da sociedade. Sob a chancela da estética realista, Carneiro Vilela demonstra saber muito bem que, na caracterização de uma personagem, a noção de realidade se reforça pela descrição de pormenores, o que o crítico Antonio Candido vem chamar de “povoamento do espaço literário pelo pormenor, – isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada” (CANDIDO, 2002, p. 79). Daí a riqueza de detalhes com que o romancista nos apresenta a figura do Comendador:

Claro e corado, parecia vender saúde às carradas. Os olhos de um azul cendrado e profundo tinham uma expressão simpática e meiga. A cabeça, povoada de cabelos completamente brancos, e meio calva na testa, e as barbas igualmente brancas, à portuguesa, isto é, por baixo do queixo largo e redondo abrangendo de uma a outra orelha, davam-lhe um aspecto tão venerável e atraente que raro era aquele que, ao encontrá-lo na rua, não o

saudava com respeito e ao mesmo tempo com agrado. (VILELA, 2013, p. 78)

Nos capítulos finais do romance, Antônio Braga, embora desfrutasse de boa saúde, veio a falecer devido ao choque e desgosto sofridos após tomar conhecimento das fatalidades que acometeram a sua família: o triângulo amoroso envolvendo a filha e a neta, o assassinato do amante de ambas pelo seu sobrinho e o estado lastimável de loucura em que sua filha Josefina mergulhou, diante de todos esses acontecimentos. O velho e honorável Comendador morreu sem sequer imaginar o destino trágico de sua neta, a qual, estando grávida, seria emparedada viva no casarão da família, a mando do próprio pai.

3. Nuances do sentimento antilusitano

Para além de nos apresentar essa coleção de personagens portuguesas, com seus respectivos perfis e dramas particulares, o romance de Carneiro Vilela não passa ao largo da tensão entre brasileiros e lusos, que cresceu nos anos seguintes ao processo de Independência do Brasil, sendo motivada, entre outros fatores, pela disputa no mercado de trabalho. Conforme observa a pesquisadora Mirella Izídio (2013), em algumas passagens de “A emparedada da Rua Nova”, o seu autor traz à tona o sentimento antilusitano que ganhou força na capital pernambucana em meados do século XIX, momento no qual muitos brasileiros se insurgiram contra o fato dos portugueses ocuparem, majoritariamente, os empregos disponíveis. Não por acaso, na narrativa, contamos com a presença de portugueses de três gerações – Antônio Braga, Jaime Favais e João Paulo Favais –,

[...] que chegam em terras brasileiras com a tentativa de fazer fortuna e que muitas vezes eram percebidos como usurpadores das oportunidades de emprego e posições sociais que deveriam ser de pessoas nascidas no país. (IZÍDIO, 2013, p. 15)

No romance, a hostilidade dos brasileiros, em especial dos pernambucanos, direcionada ao povo luso fica representada de forma patente no episódio em que ocorre uma grande confusão na rua, por ocasião da procissão para o hasteamento da bandeira da Senhora da Saúde, no Poço da Panela:

Por cima de todos os clamores, dominando todos os burburinhos e como que caracterizando todos os sentimentos desordenados, todas as raivas concentradas, da população, soou um grito, que causa sempre o terror entre os homens sérios, e produz entusiasmos aos turbulentos e aos capoeiras:

– Mata marinheiro!

A confusão entre os espectadores da bandeira, que enchiam o largo, foi sem nome. Todos gritavam a um tempo e corriam sem ordem e quase sem sentidos. (VILELA, 2013, p. 345)

A expressão “mata marinheiro!” é aqui empregada como forma de ameaçar um português, o qual é identificado como o “marinheiro”. Tal ameaça evoca os violentos levantes populares, conhecidos como “mata-marinheiros”, ocorridos em Recife, de 1844 a 1848, que tinham como alvo a comunidade portuguesa residente na cidade. Segundo Bruno Augusto Dornelas Câmara, de todas essas manifestações,

[...] a mais violenta ocorreu entre os dias 26 e 27 de junho de 1848, depois de uma confusa briga entre um estudante brasileiro e um caixeiro português de um estabelecimento de carne seca da Rua da Praia. Nesses dias, lojas foram saqueadas e muita pancadaria foi distribuída entre populares, portugueses, tropas de linha e outros agentes da ordem. Pelo menos cinco portugueses foram assassinados e cerca de quarenta ficaram feridos. Após o fim do tumulto, uma multidão marchou em direção a Assembleia Provincial exigindo, através de uma petição, *a nacionalização do comércio a retalho e a expulsão dos portugueses solteiros, num prazo de 15 dias*. (CÂMARA, 2005, p. 153) (grifos do autor)

No romance de Vilela, ao descrever a grande confusão que tomou conta da procissão de Nossa Senhora da Saúde, o narrador afirma que tais manifestações de violência em festas populares se originam, por vezes, de motivos insignificantes e até ridículos, os quais podem funcionar como o estopim para a deflagração de um mal-estar maior, espalhando pânico entre os espectadores pacíficos de tais festas. No caso em questão, o estopim foi o atrevimento de um transeunte português, que, ao perseguir, enamorado, uma jovem mulher durante a procissão, resolveu dar-lhe um beliscão, sendo imediatamente repellido pela moça. Após o tapa no rosto, que o português recebera do acompanhante e protetor da jovem, seguido do grito de “mata marinheiro!”, foi que se instalou o grande alvoroço.

Ao admitir que, àquela altura, tumultos dessa ordem vinham ocorrendo com certa frequência nas ruas de Recife, o narrador tece a seguinte apreciação:

Enquanto duram [os tumultos], não se respeita ninguém, nem a posição, nem a classe, nem a idade, nem o sexo, terminando quase sempre, qualquer que tenha sido a sua origem, por tomar como objetivo os pobres e inocentes representantes da colônia portuguesa. Se hoje, felizmente, não se manifesta tanto essa ojeriza tradicional da rafameia – da arraia-miúda – pernambucana contra os portugueses, no tempo em que se passam os epi-

sódios desta segunda parte do nosso verídico romance, ainda estava ela muito em moda e por qualquer dá cá aquela palha irrompia de todos os peitos, acendia todas as raivas e assumia as proporções colossais de uma vindita pública e nacional. (VILELA, 2013, p. 344)

Pela reação de desagrado explicitada nessa passagem, o narrador (ou o próprio autor?) demonstra não compactuar daquela animosidade que seus conterrâneos dirigiram ao povo português, em meados do século XIX. Não é por acaso que se cuida de demarcar a distância temporal entre a época dos acontecimentos narrados – no passado – e o momento atual da narração, indicando-se que “hoje”, felizmente, a “ojeriza” dos pernambucanos contra os lusos estaria mais arrefecida. Vale observar que o intervalo no tempo aí estimado é, de fato, bastante curto, se levarmos em conta que a trama se passa em 1864 e o “romance verídico”, no qual essa trama é narrada ao leitor, foi publicado apenas 22 anos depois, em 1886.

4. Considerações finais

Na narrativa, as ponderações acerca da relação hostil entre brasileiros e lusos são relevantes para refletirmos sobre o modo pelo qual Carneiro Vilela tinha em consideração esse povo “estrangeiro”, que ele romanceou com tanto afinco ao longo do seu extenso livro. É evidente que a escrita de “A emparedada da Rua Nova” foi gestada somente poucas décadas após os tumultos populares que levaram o antilusitanismo⁴ ao limite na capital pernambucana. Contudo, diante dessa constatação, não podemos afirmar que o discurso crítico e mordaz lançado pelo autor sobre as suas personagens portuguesas traduziria alguma herança de sentimento antilusitano. A citação do romance, transcrita logo acima, informa exatamente o contrário, quando fica demonstrado certo apreço do narrador pela comunidade portuguesa, a qual seria, a seu ver, injustamente agredida naqueles tumultos de rua.

À medida que nos atemos ao texto romanescos como um todo, constatamos que tanto as personagens portuguesas quanto as brasileiras

⁴ Acerca do Antilusitanismo, cabe assinalar que este “fenômeno social é demasiadamente complexo, não podendo ser reduzido apenas a uma mera rivalidade entre ‘colonizador’ e ‘colonizado’” (CÂMARA, 2005, p. 164), conforme observa Bruno Augusto Dornelas Câmara. Sobre as manifestações antilusitanas em Pernambuco, no fim do século XIX, acrescenta o autor: “É importante ressaltar que essas ações não eram motivadas apenas por patriotismo ou sentimento semelhante, mas sim por interesses particulares dos grupos e setores sociais que promoveram esses levantes” (CÂMARA, 2005, p. 165).

recebem aí o mesmo tratamento irônico e cáustico. Os representantes dos dois povos partilham equitativamente as acusações de falhas de caráter, bem como as designações negativas ou desonrosas. Se, por um lado, João Paulo Favais, o jovem português que planejou em vão desposar a prima rica, possuía um “instinto de pescador de dotes” (VILELA, 2013, p. 286), por outro, Leandro Dantas, o brasileiro que teve o seu fim em um assassinato brutal, “passava por ser um Lovelace incorrigível, um D. Juan cínico com as mulheres, mas cauteloso com os maridos” (VILELA, 2013, p. 238). A partir deste e de outros exemplos de comparações possíveis entre portugueses e brasileiros representados no romance, podemos concluir que, seguindo de perto o espírito da estética realista na ficção dos Oitocentos, decerto interessava mais a Carneiro Vilela dar conta da natureza vil e hipócrita dos indivíduos na vida social da época. E o cumprimento de tal projeto literário, *a priori*, não demandaria preferências quanto a uma ou outra nacionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EMPAREDADA DA RUA NOVA. In: *Dicionário Portugueses de Papel*. Disponível em: <https://portuguesesdepapel.com/dicionario/219>. Acesso em 11 Out. 2021.

AMORES Roubados [Seriado]. Direção: José Luiz Villamarim. Produção: Ana Gabriela. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 2014. 3 DVDs (390 min). Son., color.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 53-80

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. O Recife e os motins antilusitanos nos anos que antecederam a insurreição praieira: o aprendizado do protesto popular e outras variações. *Cadernos de História UFPE*, Ano IV, n. 4, p. 148-79. Recife: UFPE, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110024>. Acesso em: 15 Out. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

IZÍDIO, Mirella. Trajetória de um folhetinista: Carneiro Vilela, imprensa e literatura. *Anais do XIV Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística-SILEL*, v. 3, p. 1-20. Uberlândia: Universidade Federal de

Uberlândia, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_729.pdf. Acesso em: 12 Set. 2021

MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. *O Don Juan da Rua Nova*: um estudo-itinerário sobre A emparedada da Rua Nova, de Joaquim Maria Carneiro Vilela. Dissertação (Mestrado em Letras, Centro de Artes e Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

PESSOA, Angêlo Emílio da Silva. Sociologia da hipocrisia ou breves considerações sobre um centenário romance recifense: *A emparedada da Rua Nova*. *Saeculum*, v. 20, p. 34-48. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11436>. Acesso em: 17 Out. 2021.

VAREJÃO FILHO, Lucilo. Carneiro Vilela e seu famoso romance. In: VILELA, C. *A emparedada da Rua Nova*. 5. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2013. p. 25-31

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. Mistérios e costumes em um romance-folhetim: *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela. In: VILELA, Carneiro. *A emparedada da Rua Nova*. 5. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2013. p. 9-24

VILELA, Carneiro. *A emparedada da Rua Nova*. 5. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2013.